

## TECTÔNICA EXTENSIONAL DO ALTO DE VITÓRIA: DO COLAPSO GRAVITACIONAL OROGÊNICO À EVOLUÇÃO DA PARTE EMERSA SUL DA BACIA DO ESPÍRITO SANTO

Romario Cardoso Mota<sup>\*12</sup>, Julio Cesar Horta de Almeida<sup>2</sup>, Antônio Cosme Del Rey<sup>3</sup>, Giuseppe Dante Avancini<sup>4</sup>, Romero Meyrelles Duarte<sup>4</sup>, Mauro de Castro Lima Filho<sup>5</sup>

<sup>1</sup>Pós Graduação, UERJ, Halliburton – Landmark Software & Services; <sup>2</sup>Instituto GeoAtlântico, Grupo Tektos, Faculdade de Geologia, UERJ; <sup>3</sup>Petrobras – Petróleo Brasileiro; <sup>4</sup>UVV – Universidade Vila Velha; <sup>5</sup>INTECMA – Instituto de Tecnologia e Meio Ambiente

O Alto de Vitória é a feição estrutural que define o limite entre as bacias petrolíferas do Espírito Santo e Campos. Situado na região da Grande Vitória/ES, compreende rochas metassedimentares e granitos sin à pós-tectônicos do embasamento dessas bacias, as quais estão relacionadas a evolução das faixas brasileiras Ribeira e Araçuaí. Embora seja um elemento importante na configuração do arcabouço das bacias de Campos e Espírito Santo, sua evolução deformacional permanece carente de esclarecimentos. Este trabalho apresenta a investigação da deformação rúptil e rúptil-dúctil na região costeira entre os municípios de Vitória e Anchieta através do mapeamento geológico, hierarquização das estruturas e caracterização estrutural de detalhe suportado por imagens de alta resolução obtidas por drone. Relações de corte entre foliações tectônicas, dobras abertas com planos axiais de baixo ângulo e pares conjugados de zonas de cisalhamento rúptil-dúctil de alto ângulo com direções NE-SW e NW-SE e cinemática normal-sinistral e normal-destral, respectivamente, revelam fluxo tectônico em regime transtensional com estiramento na direção E-W. Sobrepostas a essas estruturas, duas famílias de fraturas cisalhantes foram identificadas. A mais ocorrente é a de direção NW à NNW com planos exibindo mergulhos subverticais à íngremes para WSW e estrias de médio a alto ângulo com caimentos para NNW. Está impressa nas rochas do embasamento cristalino de idades Criogeniana a Cambriana. Eventualmente estas fraturas são preenchidas por diques máficos de idade Cretácea e apresentam indicadores cinemáticos predominantemente destrais. A segunda família de fraturas é de direção ENE com indicadores cinemáticos do tipo *horse tail* e *splays* de cinemática predominantemente destral. A caracterização geométrica, cinemática, dinâmica, hierarquização e a relação de superposição das estruturas observadas permitem a constatação de, pelo menos, duas fases principais de deformação: a primeira relacionada ao colapso orgênico em regime transtensional rúptil-dúctil com estiramento principal na direção E-W e coerente com zonas de cisalhamentos destrais de direção NNW-SSE. Esta fase também é marcada pela ocorrência de magmatismo cambro-ordoviciano associado à zonas de fraturas de direção NW-SE e NE-SW. A fase posterior pode ser relacionada ao rifte Atlântico mesozoico com a reativação das estruturas da fase anterior em falhas normais e normais destrais de direção NW-SE e ENE-WSW, compatíveis com zonas transcorrentes destrais de direção E-W. Este arranjo de tensões e deformações da fase posterior é correlacionável com os propostos para os depósitos pliocênicos do Grupo Barreiras e coberturas quaternárias (Mello et al. 2005), sugerindo que as reativações estruturais seguiram um padrão geométrico similar ao longo da história deformacional Cenozoica.

Mello, C.L., Rodrigues, H.B., Hatushika, R.S. 2005. Tectônica Quaternária e Anomalias de Drenagem na Região Centro-norte do Espírito Santo. Anais do X Congresso da ABEQUA. Guarapari – ES. CD-ROM.